

## **FILOSOFIA E LITERATURA INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA MUNICIPAL CASTRO<sup>1</sup>.**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Francielly Barbosa Menin<sup>2</sup>**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Karen Franklin<sup>3</sup>**

O presente trabalho busca relatar as atividades de iniciação filosófica na turma do 4º ano do Ensino Fundamental I da Escola Municipal Castro - localizada no bairro Xaxim, na cidade de Curitiba/PR. A proposta se desenvolveu a partir do projeto de extensão “Filosofia na Infância: Diálogos entre Filosofia e Literatura Infantil”, desenvolvido na Universidade Federal do Paraná, que tem o objetivo de incentivar o acolhimento e desenvolvimento da iniciação filosófica junto à Escola Básica. Esta experiência ocorreu no segundo semestre letivo de 2022, onde os alunos puderam experimentar o pensar e o fazer filosófico por meio de uma tríade metodológica interdisciplinar: literatura, reflexão filosófica e atividades práticas. A metodologia é parte importante em todo processo de iniciação filosófica, pois busca desenvolver a autonomia de pensamento das crianças através da formação de comunidades de investigação. Nesse sentido, “aprender a ouvir é a chave metodológica para que o processo tenha êxito” (FRANKLIN, 2016 :146), tanto crianças como a professora estabeleceram regras para a escuta cuidadosa.

Os encaminhamentos foram norteados pela mediação de leitura da obra *Uma viagem pela Filosofia: O Encontro* (2021), de Karen Franklin, uma novela filosófica que aborda temáticas e conceitos próprios da filosofia, tais como concepções de filosofia, conhecimento, ética, justa medida, entre outros, além de apresentar mistérios e desafios aos leitores. *Viagens de Gulliver*, *Moby Dick*, *Volta ao mundo em 80 dias*, *Viagem ao centro da terra* foram leituras bastante procuradas pelos estudantes da faixa etária dos 8 aos 9 anos, ou seja, aqueles classificados numa etapa de leitores em formação ou leitores em processo (COELHO, 2000: 36-37). Os aspectos

---

<sup>1</sup> Este trabalho é resultado de uma experiência do projeto de extensão universitária “*Filosofia na Infância: diálogos entre filosofia e literatura infantil no período pós-pandêmico*” da Universidade Federal do Paraná, iniciado em 2020 e com previsão de finalização em 2024.

<sup>2</sup> Doutora em História, Mestre em Educação e graduada em Pedagogia e História pela Universidade Federal do Paraná. Professora da Secretaria Municipal de Curitiba, atuando na Escola Municipal Castro, e colaboradora do projeto de extensão *Filosofia na Infância: diálogos entre filosofia e literatura infantil* da UFPR. [franciellygiachini@gmail.com](mailto:franciellygiachini@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Filosofia pela PUCRS, professora titular da Universidade Federal do Paraná e coordenadora do projeto de extensão *Filosofia na Infância: diálogos entre filosofia e literatura infantil* da UFPR. [karenfranklin@ufpr.br](mailto:karenfranklin@ufpr.br)

da aventura, do mistério, do fantástico e dos questionamentos são chamarizes marcantes destas obras e também são as peculiaridades na literatura lida ao longo do projeto.

A estratégia metodológica utilizada foi iniciada com a apresentação da proposta aos discentes (cerca de 30 alunos), o que os motivou a aceitar o desafio e acolher o projeto. No primeiro encontro, os estudantes fizeram a escolha do nome da mascote do projeto. Cerca de 20 nomes foram sugeridos, mas o mais votado pela turma foi “Thor”, sugestão de um aluno autista, o qual ficou muito contente com a decisão. Seguindo essa estratégia de utilização da mascote como forma de organizar as falas em sala de aula, seguiu-se a confecção conjunta de um “Contrato Social”, onde os estudantes combinaram as regras que deveriam ser observadas no decorrer das aulas de iniciação filosófica. A primeira regra acordada foi a de falar somente com a mascote em mãos, o qual lhes daria o poder da palavra; além disso, comprometeram-se a respeitar a professora e o posicionamento dos colegas.

A escolha do nome da mascote, sugerido pelo aluno autista, demonstrou a disposição dos estudantes em acolher e promover a diferença no ambiente escolar. Este fato ocorreu mesmo antes dos questionamentos mais qualificados sobre as diferenças ao longo dos encontros. Tal ocorrência reforça a ideia de que a produção do conhecimento é dialógica e processual, ou seja, os estudantes não são tábulas rasas. Pelo contrário, possuem conhecimentos prévios que são ativados em diferentes momentos, o que demonstra o aspecto protagonista dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, o método maiêutico, utilizado na iniciação filosófica, evidencia o interesse das crianças em aprender a operacionalizar seu próprio pensamento, de forma a conseguir expressar exatamente o que pensa, sente e deseja.

Os estudantes envolveram-se e ficaram curiosos sobre o local misterioso onde inicia o primeiro capítulo, intitulado “A descoberta”. Na tentativa de decifrar o enigma, os estudantes fizeram diversas suposições: alguns alunos apostaram ser ele um navio, outros falaram que o local estava voando e outros ainda assuntaram que se tratava de uma construção prestes a cair, a qual estava tremendo. Foi possível notar como as estratégias lógicas atuaram nas suposições levantadas, pois com poucas informações os estudantes conseguiram propor hipóteses sobre a maneira como as coisas são apresentadas até o momento. Nesse sentido, verifica-se que a filosofia como disciplina no ensino fundamental “se ocupa em introduzir os critérios de excelência no processo do pensar para que os estudantes possam caminhar do simples ato de pensar para o pensar bem” (LIPMAN, 1994: 47). As hipóteses, que depois foram analisadas, compreendem um avanço em acessar os recursos intelectuais, aprimorando a capacidade reflexiva e criativa dos estudantes.

Foi possível observar com as primeiras questões que os estudantes se interessam por questões filosóficas, pois quando os personagens perguntaram sobre a possibilidade de estarem sonhando, pois ninguém sabia onde estava, como tinham chegado ali, os próprios estudantes levantaram hipóteses para o acontecimento. Concluíram que existem coisas que ocorrem em nossos sonhos que seriam impossíveis de ocorrer no dia-a-dia, evidenciando alguns critérios para distinguir sonhos de realidade. Fenômenos como: “ver um peixe voador”; “existir uma casa chinesa flutuante”; “fazer uma corda de café”; “o carro ter olho e boca” e “a cobra cuspir cheader”, apesar de estarem presentes nos sonhos citados pelos estudantes, foram classificados por elas como impossíveis de ocorrerem na realidade.

Foi possível perceber que a investigação sobre como distinguir o sonho da realidade se expressa nas coisas que conhecem como possíveis e dispensam aquelas que não consideram como tal. Quando René Descartes (Meditações, 1999) apresenta sua pesquisa sobre o argumento do sonho, em sua investigação sobre o conhecimento, incorre em levantar hipóteses sobre os argumentos que podem evidenciar a certeza de estar sonhando ou acordado. Esse mesmo argumento foi utilizado para discutir com os estudantes o que parece ser e o que é, evidenciando sonho e realidade. Outros conceitos como imaginação apareceram na discussão e foram utilizados como argumento para o sonho.

Na leitura do segundo episódio: “A chave – uma concepção do universo”, a trama se voltou para o desafio dos personagens em desvendar os enigmas de certas inscrições para abrir uma porta. Os estudantes envolveram-se na narrativa e mantiveram a curiosidade acerca do local enigmático onde se encontravam os personagens. Nesse episódio a discussão sobre a mudança de paradigmas ao longo do tempo se dá com a discussão dos sistemas de Ptolomeu e de Copérnico, a diferença dos sistemas planetários gerou inúmeras discussões e novos conhecimentos. A percepção de que o conhecimento está atrelado a história foi uma descoberta para os estudantes, pois antes dessa reflexão estavam cientes de que o que é apresentado na escola sempre tem uma verdade intrínseca e que não seria possível equivocarse com os conhecimentos escolares.

Na sequência da leitura os estudantes descobriram, com “Actioscópico – o medidor de ação”, que o local misterioso da narrativa era um navio. No momento do desvelar do mistério, alguns alunos - que suspeitavam do fato - vibraram diante da descoberta. Ao final do capítulo, mais mistérios foram postos, o que aguçou a curiosidade de todos para as próximas leituras. A importância de manter a regularidade da leitura e o formato das discussões leva aos estudantes a compreensão das estratégias de investigação e de que é possível levantar hipóteses sobre

certos assuntos para posteriormente apresentar as evidências. Com novo episódio, “O banquete: a deliberação”, os estudantes descobriram o que era deliberação. Nesse sentido a experiência evidenciou que a aquisição de linguagem no projeto tem grande potencial, pois não é desenvolvida da forma da tradição escolar de explicar e verificar o entendimento. Assim, o movimento de facilitar o entendimento através do processo de discussão não importa a quantidade de conteúdos abordados, mas sim o processo de desenvolvimento intelectual da criança. O episódio "O coração do navio", o tema versou sobre os conceitos de talento e belo. Nesse capítulo foi possível verificar como as crianças compreendem os aspectos artísticos do cotidiano. É possível extrair das crianças a reflexão e o questionamento característicos do comportamento filosófico em qualquer idade, assim as crianças na sala de aula começam a descobrir que uma discussão filosófica tem um estilo diferente de qualquer outro tipo de discussão (LIPMAN, 1997, p.145). No último episódio - “A casa de máquinas” – os estudantes descobriram que os personagens da história pertenciam a tempos e espaços diferentes e que foram colocados no navio por obra de uma máquina do tempo construída por Leonardo Da Vinci e gerenciada por um autômato. O propósito do último capítulo é despertar para as múltiplas possibilidades de se compreender a cultura, o mundo e o tempo. Com a inclusão da problemática espaço-temporal os estudantes puderam descobrir relações com a literatura, os filmes e os desenhos que fazem parte de seu universo.

Os resultados obtidos foram entusiásticos. Ao longo do projeto diversos conceitos foram discutidos com os estudantes, no entanto, alguns ficaram mais fixados, tanto pela recorrência em que apareceram no texto e nas discussões, quanto pela importância que os estudantes deram a eles. A maioria dos estudantes compreenderam e afirmaram conseguir explicar para outras pessoas os conceitos de “filosofia”, “deliberação” e “multiculturalismo”. Ademais, o conceito de “justa medida” foi o mais evocado por eles. Dos 29 estudantes que responderam ao questionário, apenas dois aludiram não conseguir explicar nenhum dos conceitos.

O projeto ocorreu de forma tripartite: literatura, questões filosóficas e atividades práticas, que foram os eixos principais da aplicação. As atividades práticas foram as mais apreciadas, possivelmente por serem atividades práticas baseadas em metodologias ativas que procuraram promover protagonismo, autonomia e criatividade durante as execuções. Ademais, estas dinâmicas não são usuais no cotidiano escolar, que ainda tende a proporcionar propostas em carteiras enfileiradas, com docentes que tendem a monopolizar o conhecimento e estudantes menos ativos no processo de ensino aprendizagem. No resultado final os estudantes apontaram os principais conteúdos que aprenderam no projeto: “descobrir as coisas aos poucos”,

“filosofia”, “Leonardo da Vinci”, “justa medida”, “deliberação”, “pensar”, “respeito”, “trabalho em equipe” e o “cuidado com alimentos estranhos”. Cada um destes arquétipos abre um leque de discussões e apropriações, no entanto, é interessante observar que muitas destas questões dificilmente entraria no léxico destes estudantes ou no horizonte de suas reflexões se não estivessem envolvidos na aplicação do projeto. Este foi mais um dos aspectos enriquecedores da experiência com a filosofia.

Os relatos apontados neste texto refletem uma experiência que aconteceu semanalmente e tinha a disponibilidade de uma hora aula a cada encontro. Dessa forma, as dinâmicas foram feitas com um tempo muito curto, sem contar os imprevistos que ocorreram vez ou outra. Em muitas ocasiões tivemos que interromper a participação dialógica dos estudantes porque fomos interrompidos pela chegada do lanche na sala. Apesar dos percalços, não há dúvida de que a aplicação do projeto foi muito estimulante para os estudantes. As dificuldades apresentadas são apenas o funil das dificuldades estruturais para a implantação da disciplina de Filosofia no Ensino Fundamental, onde carga horária e o tempo da escola podem ser parceiros ou não. Como não existe o componente da Filosofia nem no currículo da Rede Municipal de Ensino de Curitiba e nem no da maioria das escolas públicas do Brasil, o propósito da sensibilização dessa iniciação filosófica ficará destinada a experimentações por projetos extensionistas

**Palavras- chave:** Filosofia no Fundamental; Literatura Infantil; Linguagem; investigação filosófica.

#### **REFERENCIAS:**

COELHO, Nelly Novaes. Literatura Infantil: Texto – Análise – Didática. São Paulo: Moderna, 2000.

DESCARTES, René. Discurso do Método/ As paixões da Alma/ Meditações/ Objeções e Respostas. 5ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Os pensadores.

FRANKLIN, Karen. A Filosofia no Ensino Fundamental. Curitiba: Intersaberes, 2016.

LIPMAN, M./OSCANYAN, F./SHARP, A.M. Filosofia na Sala de Aula. Trad. Ana Luiza Fernando Falcone. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.